



# A GUERRA ESQUECIDA

Almir dos Santos

---

Ao ensejo do cinquentenário do término da Batalha de Stalingrado (17.02.42 a 02.02.43), o autor reverencia os 20 milhões de russos e 9 milhões de alemães que morreram de fome, de frio, nos embates corpo a corpo, ou sob pesados bombardeios, que foi o saldo de toda a insanidade exercitada na Frente Russa, durante a 2ª Guerra Mundial.

---

A história da Segunda Guerra Mundial continua atraindo a atenção de cientistas, escritores, políticos e militares em todo o mundo, uma vez que envolveu 61 países, 80 por cento da população mundial, teve uma duração de 6 anos e deixou 50 milhões de mortos.

O conflito teve três frentes de batalha: a guerra do Pacífico, a guerra na Europa e a frente russa. Nessa terceira frente, alemães e russos travaram a mais violenta guerra da história da humanidade.

O que ocorreu ali é algo inconcebível para um ser humano civilizado. Naqueles quase 1.500 dias que durou a guerra, os exércitos alemães e rus-

sos rasgaram todas as Bíblias, esqueceram todos os filósofos e profetas, e se digladiaram numa batalha genocida, de uma ferocidade que poucos acreditam possa ter acontecido neste século. Entretanto, muita coisa ainda não foi revelada. Os americanos a chamam de "Guerra Desconhecida", os alemães "A Guerra do Leste", os russos "A Grande Guerra Patriótica", mas o seu nome bem que poderia ser "A Guerra Esquecida".

Com a aproximação dos 50 anos da batalha de Stalingrado, que durou de 17.07.42 a 02.02.43 gostaria, num momento de reflexão, lembrar os 20 milhões de russos e os 9 milhões de alemães que morreram de fome, de

frio, ou sob pesado bombardeio em meio a toda aquela insanidade.

Uma pergunta que ainda muito se faz é por que Hitler, envolvido numa guerra ainda indefinida com os ingleses, atacou os russos, se havia um acordo entre eles, e os russos o estavam cumprindo rigorosamente? Deve-se lembrar, entretanto, que, em 1925, na primeira edição de *Mein Kampf*, ele escreveu: "a Alemanha se expandirá de um modo geral, unicamente sob as expensas da Rússia".

Em 23 de fevereiro de 1933, numa conferência para os generais alemães, Hitler apresentou seus planos estratégicos de longo prazo, que começavam com o rearmamento alemão, a partir de 1935, e culminavam com uma guerra com a Rússia que teria início em 1943, de onde sairiam as terras do grande Reich. Durante a guerra entre a Rússia e a Finlândia, o ditador alemão comentou várias vezes que o exército russo era tão medíocre que poderia derrotá-lo em 6 (seis) semanas. Em junho de 1940, confidenciou ao comandante do exército, que estava muito preocupado com as intervenções russas na Bessarábia, na Bukovina e nos estados Bálticos. Em 15 de julho de 1940, em meio às comemorações da vitória sobre a França, Hitler informou ao chefe do estado-maior das Forças Armadas (Wehrmacht ou OKW), marechal-de-campo Keitel, que pretendia atacar a Rússia imediatamente.

Ainda há muita controvérsia sobre os verdadeiros motivos desse ataque naquele momento da guerra. Uma corrente de pensamento acha que a resis-

tência da Inglaterra em aceitar um acordo de paz era porque, no entender de Hitler, ela esperava a abertura de uma segunda frente pela Rússia no leste. Se o ditador pensava assim, estava completamente enganado, pois a guerra no oeste estava beneficiando a União Soviética, que gradativamente ia recompondo todo o império russo. Outra corrente acha que a resistência feroz da Inglaterra aos bombardeios alemães, prolongando indefinidamente a guerra no oeste, estava deixando preocupado o povo alemão. Uma vitória espetacular sobre a Rússia, como as que ocorreram sobre a Polônia e a França, revigoraria o moral do povo alemão.

E os militares? O que pensavam eles? Com as vitórias ocorridas até aquele momento, não há a menor dúvida de que a Alemanha estava com uma safra de grandes gênios. Quem não ouviu falar na "Raposa do Deserto"? Nas divisões panzer? Nos comandantes dos submarinos?

Agora, o que pensavam esses homens? O comandante do exército, marechal-de-campo Von Brauchitsch, o marechal Keitel, chefe da OKW, o comandante da Força Aérea, o marechal-do-ar Goering, e o comandante da Marinha, o grande almirante Raeder, todos se posicionaram contra a invasão da Rússia naquele momento. Hitler ouviu os profissionais do assunto e marcou a invasão para maio de 1941. O leitor deve estar pensando: como? Ninguém sabe. O fato é que ele detinha nas mãos todos os poderes constitucionais do País. Era o dono da vida e da morte do povo alemão. Como conseguiu isso é tema de antiga discussão.



A notícia da invasão ecoou como uma bomba no meio militar. Todos acharam que a Alemanha cometeria suicídio se abrisse outra frente na guerra. Muitos chegaram a protestar, veementemente, junto ao comandante do exército, mas o marechal apenas respondia: "o Fuhrer já decidiu".

O coronel-general Halder era o chefe da OKW, quando a ordem de planejar a invasão chegou até lá. O primeiro estudo estratégico entregue à OKW foi feito pelo general Marcks. Nesse relatório, com muitos detalhes, o general mostrava que a Inglaterra estava longe de ser derrotada e que a Alemanha corria o risco de enfrentar uma coligação anglo-americano-soviética. O segundo relatório foi do general Kossing, que fora adido militar em Moscou. Esse general frisava a importância do Cáucaso e que a região estava muito longe para ser conquistada num só verão. Alertava também para o poder econômico da Rússia Asiática, que poderia prolongar essa guerra por muitos anos. Lembrava que o exército russo possuía 5 milhões de homens, que poderiam ser convertidos em 15 milhões, caso a guerra começasse.

Um outro relatório importante foi feito pelo marechal-de-campo Von Rundstedt, militar de muito prestígio, que comandara um corpo-de-exércitos nas invasões da Polônia e da França. O experiente marechal alertava sobre fatos novos como espaço e distância, e colocava em dúvida a possibilidade de se poder aplicar uma *blitzkrieg* (guerra rápida, barata e com poucos mortos) contra a Rússia.

Mas nada disso teve importância;

o Fuhrer garantia que poderia derrotar a Rússia, como derrotara a Polônia e a França, em poucas semanas.

A operação Barbarossa foi o nome de código dado à invasão. Como das outras vezes, a OKW e a OKH, apesar de ambas serem contra a invasão, travaram a já tradicional disputa na elaboração dos planos de ataque. A OKW, de Keitel, era simpatizante do nazismo, enquanto a OKH, de Halder, era totalmente anti-nazista. A OKW queria um comando único para as Forças Armadas. Entretanto, nem a Marinha, nem a Força Aérea, nem o Exército queriam isso. Assim sendo, por tradição, cabia ao estado-maior do Exército (OKH) aprovar todos os planos, inclusive os apresentados pelo estado-maior das Forças Armadas (OKW).

Nas reuniões seguintes, Hitler afirmou que o ataque deveria ser concentrado na Ucrânia, o grande celeiro da União Soviética. Com isso, pretendia duas coisas: derrotar economicamente os russos e garantir, para os alemães, o fornecimento de grãos e matéria-prima. Baseado no adido militar em Moscou, a OKH não concordou, alegando que a capital russa é que devia ser prioritária, pois, como todo sistema rodo-ferroviário vindo da Rússia Asiática passava pela cidade, seria possível isolar a Rússia Européia de ataques vindos da Ásia. Outro argumento da OKH era que todas as comunicações russas passavam por Moscou; ocupada a cidade não haveria mais um comando único para o Exército Vermelho. A OKW apoiou Hitler, e o debate se prolongou por várias semanas.

O primeiro plano de ataque, elabo-





Esquema 1 — Barbarossa: o plano de invasão de Hitler

rado pelo coronel Greiffenberg, propunha um poderoso ataque à Ucrânia, como Hitler queria. Apesar do apoio do general Jold, chefe de operação da OKW, Halder o recusou, temendo ter que utilizar o território romeno. Halder recusou, também, o plano do general Erick Marcks que previa um ataque à Ucrânia, mas priorizava a tomada imediata de Kiev, capital do país. O plano da OKH, totalmente oposto, previa um ataque pelo norte, pelos países bálticos, mil quilômetros distante até Leningrado. De lá, o exército desceria até Moscou e aí, então, entraria na Ucrânia pelo lado oposto.

Em setembro de 1940, Halder abandonou tudo e nomeou o general Von Paulus para elaborar um novo plano. Esse general, por ter servido nos blindados, sob as ordens de Guderian, criador das divisões Panzer, poderia dar uma visão mais moderna à operação.

Von Paulus e seus oficiais planejaram, como objetivo principal, a destruição rápida do exército russo estacionado entre a Polônia e Moscou. Três grupos-de-exércitos se encarregariam do ataque. O principal, o do centro, se encarregaria do ataque a Moscou. Os outros dois cobririam seus

flancos, deslocando-se para Lenigrado e Ucrânia. Halder aprovou o plano e indicou para comandante, dos grupos-de-exércitos, os mesmos marechais dos ataques à França: Von Leeb, para o norte; Von Bock, para o centro; e Von Rundstedt, para o sul.

O plano foi apresentado a Hitler, em 5 de dezembro de 1940. O Führer porém rejeitou a importância do ataque à Moscou, e sugeriu que parte do exército do centro fosse deslocado para o norte, a fim de cortar a retirada das tropas russas, que estavam nos estados Bálticos (Diretriz nº 21 da operação Barbarossa).

Em janeiro e fevereiro de 1941, duas informações importantíssimas foram escondidas de Hitler por Keitel e Halder, provavelmente temendo a ira do ditador que já estava muito irritado com tantos problemas na elaboração do plano.

O primeiro omitiu que as estradas de ferro russas tinham bitolas diferentes das alemães e que as estradas de rodagem, com piso de terra, ficariam intransitáveis sob a chuva e a neve. O suprimento teria de ser feito por caminhões em distâncias de até 960km e a Alemanha tinha um *déficit* de 50% na produção de pneus.

A omissão de Halder foi relativa aos pântanos de Pripet, que os planejadores consideravam inconvenientes para operações militares. Estudos posteriores mostraram que os russos poderiam colocar um exército ali e atacar a retaguarda dos alemães que se dirigiam a Moscou e a Kiev.

Em fevereiro de 1942, o coronel

Treskow escreveu um memorando a Halder, acusando a SS de cometer crimes hediondos na Polônia e de muitos comandantes militares fazerem "vista grossa" a tudo isso. Não se sabe se esse relatório chegou às mãos de Hitler. Se não chegou, foi porque os comandantes do exército, da OKW e da OKH não tiveram coragem de fazê-lo.

O fato é que, pouco tempo depois, Hitler anunciou a "Ordem do Comissário". Por essa ordem, ficava decidido que: os oficiais políticos do Exército Vermelho seriam executados; proibia conselho de guerra para alemães que matassem civis soviéticos; membros da resistência seriam presos e seu destino não informado às famílias; esses membros não teriam *status* de prisioneiros de guerra, seriam entregues para tratamento especial.

Essa infâmia foi assinada pelo marechal-de-campo Wilhelm Keitel. Nesse dia, ele pôde conhecer a verdadeira face do seu ídolo. Por que não se recusou a assinar uma ordem dessa? Aquele, cujos discursos tanto o encantavam, era um monstro. Mas ele assinou. Naquele dia, confidenciou ao general Jold, que estava muito infeliz no seu trabalho e que pretendia pedir demissão. Jold o convenceu a ficar.

Verdade seja dita, muitos generais não a transmitiram à tropa. Entretanto, aqueles que divulgaram a "Ordem do Comissário" tiveram sérios problemas nos tribunais de Nuremberg. Alguns foram inclusive enforcados, como foi o caso de Keitel e Jold.

Nas vésperas da invasão da Rússia, na conferência final do general Halder



com os marechais-de-campo, o chefe da OKH, encontrou Von Bock, que comandaria o grupo-de-exércitos do centro, muito desanimado. O marechal estava preocupado com o tamanho da Rússia, com sua população e com seu potencial industrial. "A Rússia é um país poderoso e grande demais para ser vencido por uma simples *blitzkrieg*", argumentava ele. Bock achava que o poderoso exército do centro tinha uma tarefa operacional, e não estratégica. Sua missão era simplesmente destruir o exército russo, mas não havia nenhum pensamento estratégico sobre o que fazer se a operação fosse bem sucedida. Rundstedt também estava muito preocupado com a largura de seu setor que era de 800km. Para agravar a situação, no final de abril, Hitler resolveu adiar a invasão para junho, ou seja, eles teriam um mês a menos, antes do inverno russo, para derrotar um exército de 5 milhões de homens.

Halder e Brauchitsch ficaram desesperados. Solicitaram várias audiências com o Fuhrer, foram recebidos quatro vezes, mas nada puderam fazer. Como a Itália estava perdendo a guerra na Iugoslávia, Hitler resolveu invadir a Iugoslávia para deixar tudo sob controle na sua retaguarda. Halder e Brauchitsch ficaram tão aflitos que, numa reunião com todo alto comando, o ditador comentou com Keitel, quando Brauchitsch chegou: "aquele é o covarde número um". Logo depois Halder apareceu, e ele acrescentou: "e aquele é o covarde número dois".

Finalmente, no dia 22 de junho de 1941, começou a invasão. 190 divisões, 4.000 tanques, 5.000 aviões, dis-

tribuídos em três grupos-de-exércitos, cada um deles tendo um exército *panzer*, iniciaram o mais avassalador ataque de todos os tempos. Pegos de surpresa, os russos ofereceram pouca resistência e os alemães começaram a avançar cerca de 20km por dia, destruindo tudo à sua frente, como uma nuvem de gafanhoto. Quinze dias depois, a coisa mudou: a resistência russa se agigantou. Eles passaram a vender caro as derrotas e as baixas, em ambos os lados alcançando níveis nunca vistos.

Parecendo adivinhar os planos de Hitler, Stalin tinha colocado o grosso de seu exército na Ucrânia. Por isso, no dia 6 de julho, deteve o exército do sul na região da Galícia. Com uma poderosa artilharia de 1.500 canhões, os exércitos russos impuseram pesadas baixas no grupo-de-exércitos de Rundstedt. O exército *panzer* do grupo, comandado pelo general Kleist, com os modernos tanques *Pzkw*, enfrentaram os desconhecidos tanques soviéticos *T34*, cuja blindagem era impenetrável aos tiros dos tanques alemães. Um tiro de *T34* inutilizava o *Pzkw*, enquanto eram necessários três tiros do *Pzkw* para destruir o *T34*. Foi uma surpresa muito desagradável para todo o alto comando.

Somente em 8 de agosto, os russos foram derrotados na Galícia. A inexperience soviética em guerra móvel facilitou o envolvimento planejado por Kleist e Rundstedt na região de Uman. Os russos tiveram sua primeira grande derrota na Ucrânia: 103.000 prisioneiros, 317 tanques e 1.100 canhões destruídos. Mas os alemães começaram



a ficar preocupados.

Von Bock, nos exércitos do centro, foi mais feliz. Numa manobra bem sucedida, conseguiu destruir, no chão, 2.500 aviões, o que lhe deu total superioridade aérea, liberando o caminho para o exército *panzer* de Guderian. No único ataque aéreo que fizeram, os aviões russos foram todos abatidos no ar pela experiente *Luftwaffe*.

O que se viu a seguir foi uma sucessão de grandes vitórias: *Bialystock*, *Minsk* e finalmente, a 5 de agosto, *Smolensk*, importante centro industrial e ferroviário. As perdas russas foram assustadoras: 4.500 canhões, 4.700 tanques, 940.000 prisioneiros e 2 milhões de mortos. "A Rússia está derrotada", disse Hitler.

Nesse dia, deu a ordem para que o grupo-de-exércitos do centro parasse o ataque. Von Block e Rundstedt foram chamados ao quartel-general de Hitler, e ouviram do ditador que não estava satisfeito com o comando de Kleist no exército *panzer* do sul, visto que a cidade de Kiev ainda não tinha caído. Os generais retrucaram que o importante agora era Moscou, que o caminho estava livre e que os exércitos de Von Bock estavam a menos de 400km da capital russa.

Hitler passou a viver uma crise de decisão. A Rússia tinha perdido 63% de seu carvão, 35% de sua extração mineral, 68% de sua produção de aço, 60% de sua produção de alumínio. Os alemães ainda tinham se apossado de 175.000 máquinas, 18 milhões de toneladas de grãos, 17 milhões de cabeças de gado. A Rússia estava derrotada!

Com os exércitos do centro ainda parados, Hitler chamou a Berlim o comandante dos grupos de *panzer*, o general Guderian, mais conhecido como *General Panzer* ou o *Grande G*.

Esse general escrevera um livro, em 1937, intitulado: *Actung, Panzer*, onde mostrava a importância dos tanques no exército moderno, e ensinava como deveria ser feito um ataque com blindados. Apesar de totalmente desacreditado pelos militares conservadores, Hitler investiu nos *panzer* e a Alemanha saiu na frente no uso de guerra móvel. Na invasão da Polônia, foram os *panzer* de Guderian que destruíram a artilharia pesada polonesa, iniciando a primeira grande vitória alemã. Na invasão da França, foram os *panzer* de Guderian que atravessaram a cidade francesa de Sedan e, movendo-se em alta velocidade, atingiram o canal da Mancha, na retaguarda dos ingleses e franceses, conseguindo um triunfo jamais imaginado pelos generais do Estado-Maior. Após as vitórias do exército do centro, Hitler, na Rússia, começou a sondá-lo para comandante do Exército.

Na conversa com Guderian o ditador voltou a criticar o comandante Panzer do grupo de Rundstedt e afirmou que a conquista de Kiev era fundamental. O *General Panzer* discordou dele, insistindo na conquista de Moscou, e solicitou um aumento na produção de tanques, de 128 para 800 por mês. Hitler afirmou não poder aumentar a produção de tanques e nada respondeu sobre a capital russa.

Somente no dia 20 de agosto, 15 dias depois, Hitler se decidiu: Gude-



rian deveria dirigir-se para o sul e participar do ataque final a Kiev. Todos ficaram muito confusos. Brauchitsch e Halder convidaram Bock, Guderian e Hoth (comandante do outro grupo-panzer do grupo-de-exércitos do centro) para uma reunião. Halder e Brauchitsch já sabiam que a decisão de Hitler era definitiva, mas não disseram nada, esperando que Guderian, o melhor general alemão, com todo seu prestígio, convencesse o ditador a mudar de idéia. Isso não ocorreu. Hitler falou o tempo todo e garantiu que a Rússia estava derrotada. Halder ficou furioso com Guderian por ele ter ficado calado, mas o general deu-lhe uma resposta prussiana "não se discute questões já decididas pelo Chefe do Estado na frente de outras pessoas".

O exército panzer de Guderian, efetuando uma guinada de 90°, partiu em alta velocidade para o sul, para a Ucrânia. No dia 14 de setembro, seus panzer, juntamente com os de Kleist, fecharam um bolsão em Kiev e a cidade caiu.

Mesmo com a euforia no estado-maior, já comemorando a vitória alemã na frente-de-batalha, as preocupações do povo eram muitos grandes. Berlim foi pixada com dizeres "Morte a Hitler". O motivo eram os 700.000 mortos alemães, seis vezes mais do que em todas as campanhas juntas. O povo, acostumado a comemorar vitória, sabia agora o que era chorar por seus mortos. As comemorações, após uma *blitzkrieg*, não existiam mais.

No dia 15 de setembro, veio a ordem ao exército do centro para iniciar

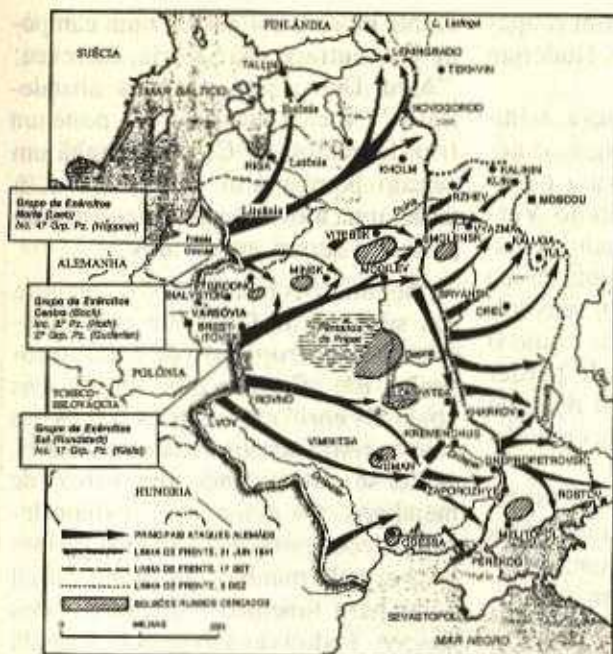
a marcha sobre Moscou. Mesmo com os panzer já reduzidos em 50%, os alemães acumularam vitórias: *Rzhev, Klin, Kalunga, Tula e Vyazma*, destruindo, nessa cidade, um exército de 650.000 soldados. Os panzer de Guderian chegaram aos subúrbios da capital e houve pânico em Moscou.

Mas a situação estava difícil, também, para os alemães. As noites estavam frias, os ventos cortantes levavam ao desespero toda a tropa, temendo o inverno que se aproximava. Os motores dos tanques já mostravam sinais de cansaço, muitos precisando de reparos na Alemanha. O braço aéreo da *blitzkrieg* estava esgotado, por falta de manutenção e fadiga dos pilotos, após 4 meses ininterruptos de bombardeios. Ao redor de Moscou, grandes buracos impediam o avanço dos Panzer.

As chuvas de novembro começaram tirando toda a mobilidade do exército panzer. Rundstedt propôs que as operações do grupo-de-exércitos do sul fossem suspensas, a fim de preservar o poder de ataque da tropa para a primavera seguinte. Hitler, Brauchitsch e Halder insistiram que o avanço continuasse até Rostov.

Em 21 de novembro, a cidade foi ocupada. No dia seguinte, 3 exércitos russos contrataram violentamente, obrigando Kleist a recuar 75km, até o rio Mius. Hitler exigiu que Rostov fosse mantida, uma vez que ela era o portão de entrada para as jazidas petrolíferas do Cáucaso. Rundstedt ordenou o novo ataque e a cidade foi tomada. Mas, no dia seguinte, Kleist ordenou nova retirada para o rio Mius. Hitler ficou furioso, disparando acusa-





Esquema 2 — A invasão da Rússia, 1941

ções e insultos a todos. O marechal Rundstedt respondeu: "É loucura resistir. Solicito que a ordem seja rescindida ou arranje outro para me substituir".

Antes que a resposta chegasse, o marechal pediu demissão.

Uma semana depois, foi a vez de Bock. Chuvas fortes e lama pararam totalmente a máquina de guerra alemã, impedindo o ataque final a Moscú. Guderian fez um memorando afirmando que o exército *panzer* poderia ser totalmente destruído, se os russos atacassem agora. Por isso, solicitava um recuo tático. Bock enviou o pedido à Berlim. Hitler teve um ataque histérico, voltando a gritar acusações, dizendo-se cercado de incompetentes

e acusando Keitel, seu grande defensor, de ter-lhe negado informações.

Após muita insistência para recuar os blindados, Von Bock caiu em desgraça e foi substituído por Von Kluge, comandante de um dos exércitos do corpo. Uma semana depois, caiu Von Leeb, que comandava o exército do norte, e também não conseguiria ocupar Leningrado. E chegou a neve. Durante a noite a temperatura caía para menos 30° e a tropa não tinha roupa de inverno. Milhares de soldados morriam congelados. Durante o dia, a neve derretia, tornando tudo um mar de lama, impedindo o movimento de caminhões e veículos menores.

Na segunda semana de dezembro, a Rússia contratou, em Moscú, com



um exército descansado e com roupas de frio. Pela primeira vez Guderian se viu na defensiva.

O criador do exército *panzer*, o imbatível, o mestre da estratégia, o gênio da guerra móvel, estava a ponto de ser envolvido pelo Exército Vermelho. O homem que, segundo os historiadores, estava muito à frente de sua época, amado e idolatrado por seus soldados, que se referiam a ele como o *Grande G*, estava a ponto de perder todo seu exército e passar o resto de seus dias num campo-de-concentração na Sibéria.

Invejado por seus colegas de farda, respeitado por Hitler, admirado pelos generais aliados, o general *panzer* trazia em seu curriculum algumas indisciplinas. Na invasão da Polônia, ao ser repreendido por Halder por estar indo muito à frente e correndo o risco de ficar sem suprimento, respondeu: "Os suprimentos é que têm de andar mais rápido e não o meu exército mais devagar". Na invasão da França, sua teimosia em ir com seu exército muito à frente foi punida com uma exonegação que durou 15 dias. Um mês depois o alto comando reconheceu que se o tivessem deixado prosseguir na sua investida louca, teriam cercado todo exército inglês em Dunquerque.

Hoje, porém, dezembro de 1941, quem estava a ponto de ser envolvido era ele, o mestre do envolvimento. Com frio, preso à lama, vendo seus homens morrerem em quantidade nunca vista, o super-herói do povo alemão dependia, talvez, de um milagre de Deus.

Um oficial alemão, que provavel-

mente morreu congelado num campo-de-concentração na Sibéria, escreveu: "Meu Deus, por que nos abandonaste?" E ele tinha razão. À noite um frio de menos 30°C, pela manhã um pesado bombardeio dos russos e, à tarde, uma movimentação desesperada para não serem envolvidos.

Segundo os historiadores, a leitura das súplicas de Guderian pelo bem-estar de suas tropas são de cortar o coração. Ele afirmava que, ao ver seus soldados enrolados com os trapos das roupas retiradas dos cadáveres russos, sentia-se comandando um bando de mendigos. Os aviões não podiam levantar vôo, porque a gasolina congelava e, pela manhã, era muito difícil botar para funcionar os motores dos *panzer*. Tudo isso sob pesado fogo da artilharia russa e sob o olhar dos milhares que, toda manhã, amanheciam mortos por congelamento.

Kluge, agora comandando os exércitos do centro, foi ao quartel-general solicitar a retirada das tropas de volta para Smolensk. Hitler reagiu: "Na primeira guerra sofreu 15 dias de bombardeio incessante." O marechal respondeu que ele não sabia o que era combater a menos 30°C, sem roupas de inverno. Hitler retrucou irado: "Se é assim, então acabou o exército alemão."

Ao contrário de Brauchitsch, Kluge respondia à altura, mas sabia quando parar. E chegara o momento. Voltou para o seu quartel e negou a Guderian a ordem de retirar-se. Os dois tiveram uma briga furiosa acrescida de ofensas pessoais. Rebelde como sempre, Guderian ordenou a retirada por sua



livre e espontânea vontade. Salvou o exército *panzer*, foi exonerado e teve, como prêmio, um ataque cardíaco.

Não há a menor dúvida de que o grande número de mortos da grande ofensiva alemão de 1941, conhecida como *Operação Barbarossa*, foi devido à interferência de Hitler e Stalin no movimento das tropas.

Em janeiro de 42, os alemães já haviam perdido 1 milhão de homens e os russos mais de 4 milhões. A Hitler pesa a culpa de mandar bombardear indiscriminadamente as populações das cidades, mesmo quando não havia qualquer interesse estratégico nesses bombardeios. Associa-se a isso os massacres das populações judaicas, ciganas e portadoras de defeitos físicos e mentais, para ter-se uma idéia da irracionalidade dessa guerra. Num único dia, na Ucrânia, os nazistas mataram 32.000 judeus ucranianos. Nesse mesmo território, os russos mataram 5.000 prisioneiros alemães que estavam feridos e não podiam caminhar a pé para a Sibéria. Os grandes envoltivos alemães ocorriam porque Stalin simplesmente não permitia retiradas estratégicas. Os *panzer* alemães destruíam as fontes de suprimento dos exércitos russos e eles acabavam ficando sem combustível e sem munição. O grande número de mortos do grupo de exércitos do centro de Von Bock, 50% do total de perdas alemãs, deve-se ao fato de Hitler, também, não ter permitido o recuo na hora exata.

Em janeiro de 1942, depois do recuo alemão para Smolensk, numa fala pelo rádio, Hitler mudou o tom

de seu discurso, disse ele: "Nenhum sacrifício será em vão. Precisamos dar à Pátria até mesmo o nosso alimento, o nosso sangue e tudo que nos for essencial, pois, se a Alemanha perder a guerra, o seu povo será humilhado e aniquilado pelo inimigo."

É evidente que, em janeiro de 1942, o ditador alemão já sabia que não venceria a União Soviética, ainda mais com a entrada dos Estados Unidos na guerra. Não há a menor dúvida, também, de que a ajuda americana aos soviéticos foi considerável. Segundo o historiador soviético, Oleg Rzheshevski, essa ajuda foi de 14.700 aviões, 7.000 tanques, e 400.000 veículos de transporte. Parece muito, mas foi apenas 33%, ou seja, um terço do que os militares americanos forneceram às nações aliadas. Entretanto, não há como negar que o grande mérito da reação soviética coube ao povo russo. Enquanto os exércitos do centro esperavam a ordem de Hitler para o ataque final a Moscou, os russos retiraram dez milhões de pessoas, a maioria técnicos, desmontaram e levaram 1.523 grandes fábricas e, ainda, 24 milhões de cabeças de gado, tudo para a Rússia asiática. Outro dado importante é que, em junho de 1942, 1.200 dessas indústrias já estavam operando.

O alto comando nazista, percebendo a enrascada em que se metera, tentou uma paz com a Inglaterra. Mas, com o passado de Hitler, especialista em romper acordo, quem confiaria em sua palavra? A saída alemã foi abandonar a audaciosa *Operação Barbarossa*, por um plano bem mais



modesto: o *Plano Azul*. O objetivo agora era a conquista do Cáucaso e de todo seu petróleo para poder resistir a uma guerra, a qual não poderiam vencer.

Para desespero dos generais, Hitler assumiu o comando de todas as operações militares. O grupo-de-exércitos do sul foi então dividido em dois grupos A e B. O primeiro, tinha como objetivo a Criméia, enquanto o segundo, mais poderoso, deveria chegar ao Cáucaso. Com poderes agora para nomear, inclusive os comandantes de exércitos, o ditador indicou o general Von Paulus para comandar o 6.º Exército, o mais poderoso do grupo-de-exércitos B, formado por 14 divisões, sendo duas *panzer*, num total de 300.000 homens. Von Paulus foi escolhido já dentro da nova filosofia que Hitler queria implantar no exército, afastando dos cargos importantes generais contestadores, como Kluge, Bock e Guderian.

Ao começar a ofensiva da primavera de 1942, as vitórias retornaram aos alemães na Criméia. Em agosto, o 11.º exército de Manstein conseguia conquistar a região. Enquanto isso, a ponta da lança do grupo-de-exércitos B, o 6.º Exército, de Paulus, avançava velozmente para Stalingrado, tudo dentro do organograma previsto pelo ditador, apesar de Halder ter dito que o *Plano Azul* era um jogo de azar, porque o Führer continuava a desmerecer os russos.

Quando Von Paulus aproximou-se de Stalingrado, Hitler reforçou o 6.º Exército, retirando da Criméia a 4.ª Divisão *Panzer* e anexando-a ao exér-

cito de Paulus. O 6.º Exército passou a ser, então, o mais poderoso exército alemão, desde o início da guerra com 350.000 homens. No dia 21 de agosto, Paulus cruzou o rio Don e avistou a cidade. No dia 23 do mesmo mês, a 14.ª Divisão *Panzer*, pelo norte, e a 4.ª Divisão, pelo sul, cercaram Stalingrado.

No dia 25 de agosto, Hitler ordenou o seu bombardeio aéreo. Cerca de 900 aviões, fazendo três vôos por dia, lançaram toneladas de bombas durante vinte dias. A cidade foi arrasada. Numa decisão louca, Stalin não permitiu que a população civil fosse evacuada, provocando um verdadeiro genocídio. Entretanto, os russos fizeram das ruínas importantes abrigos e a cidade não caiu.

Hitler então ordenou: "A cidade tem de ser tomada." Os comandantes dos grupos de exército A e B, mostraram ao ditador que a conquista da cidade estava se tornando muito demorada e que, talvez, não desse tempo para chegar ao Cáucaso, repetindo o que ocorrera com Moscou. Obcecado com a idéia da superioridade alemã, o ditador reiterou: "A cidade tem de ser tomada."

No dia 13 de setembro, Paulus ordenou a invasão. As 14 divisões alemãs entraram em Stalingrado, dando início à maior batalha de infantaria do século. Cerca de 500.000 homens, russos e alemães travavam um corpo-a-corpo, rua por rua, casa por casa. Os dois exércitos perdiam cerca de 20.000 homens por semana. Os cadáveres não eram enterrados e o cheiro de podre tornava-se insuportável. Halder, já to-



talmente sem prestígio, procurou Hitler mostrando-lhe a gravidade da situação e a falta de necessidade de tantas baixas. Furioso, o ditador exonerou-o e aposentou-o.

Em outubro, Paulus e o comandante do grupo-de-exércitos procuraram o ditador e lhes contaram de suas preocupações com o flanco norte, totalmente desguarnecido, assim como sua retaguarda, defendida apenas por romenos e húngaros. Hitler garantiu que os russos tinham tido tantas perdas na batalha de Moscou e na Criméia, que não teriam a menor condição de um contra-ataque.

Em meados de novembro, Paulus avisou a Hitler que observadores aéreos tinham lhe informado que os russos estavam concentrando forças poderosas em seus flancos e que estava começando a nevar. Hitler respondeu: "faltam apenas dez por cento da cidade. Um último esforço deve ser feito para capturar Stalingrado".

No dia 19 de novembro, os russos atacaram os romenos procurando envolver todo 6º Exército alemão. As barreiras do norte foram rapidamente rompidas pelas tropas de Zhukov. O mais humilde soldado alemão, ouvindo a artilharia russa atacar os romenos ao norte, podia perceber que o poderoso 6º Exército alemão corria perigo dentro daquela cidade em escombros. Se Paulus tivesse agido ousadamente, enviando tropas ao norte, ou ao sul, para ajudar os romenos, ou se tivesse dado ordem de retirada da cidade e comunicado a Hitler depois, teria salvo 280.000 homens.

No 3º dia da ofensiva russa, Hitler

recebeu a sugestão da OKH: Paulus deveria receber ordens para retirar-se da cidade. O ditador pensou dois dias. Por fim, ordenou a Paulus que permanecesse na cidade como uma fortaleza avançada até a primavera. No dia 23 de novembro, os russos fecharam o cerco e, dentro de uma área de 32km por 50km, ficaram presos 280.000 homens. Alguns generais do estado-maior do 6º Exército sugeriam a Paulus que solicitasse ordem de liberdade de ação. Paulus, porém, sempre obediente, recusou-se a fazê-lo.

Em 12 de dezembro, Manstein assumiu o comando do grupo-de-exércitos B, e a primeira coisa que fez foi permitir a Paulus que abandonasse a cidade, mesmo sem ordem de Berlim. Paulus recusou-se a mover-se, alegando que as ordens de Hitler eram para que permanecesse na cidade. Com as tropas de Manstein presas pela neve e longe de Stalingrado, nada mais podia ser feito.

A 9 de janeiro, os russos invadiram a cidade. Novamente lutas corpo-a-corpo e casa a casa voltaram a acontecer.

No dia 15 de janeiro, Hitler o promoveu a marechal-de-campo, esperando que cometesse suicídio, pois um marechal-de-campo alemão não se rende. Mas, a 31 de janeiro de 1943, com todo seu exército sem munição e sem alimento, Von Paulus se rendeu. Os russos contaram 107.800 prisioneiros, sendo 24 generais. A grande massa de prisioneiros sofreu inacreditáveis sofrimentos e privações. Apenas 6.000 voltaram para casa após a guerra.

Após Stalingrado, os alemães não



mais recuperaram a ofensiva, e sua derrota passou a ser uma questão de tempo. As perdas em equipamentos foi tão grande que, para repô-las, os alemães precisariam produzir 1.200 *panzer* por mês, quando a produção não passava de 100.

Agora, por que insistir com Stalin-grado se o objetivo era o Cáucaso?

A história profere um veredito cruel sobre o marechal Von Paulus: "Comandante vulgar do tipo ordens são ordens, que jamais questionou o nazismo e que estava sempre pronto a fazer tudo que Hitler ordenasse." Se tivesse ouvido o general Beck quando disse: "a obediência militar tem limi-

tes" ou se tivesse tido a ousadia de Guderian, que retirou seu exército na hora certa, teria salvo um quarto de milhão de homens.

Por isso, depois da guerra, enquanto Guderian foi trabalhar para o exército americano escrevendo suas memórias, ele ficou em prisão domiciliar em Moscou, até 1953. Libertado em novembro, foi-lhe permitido viver na Alemanha Oriental, mas impedido de viajar para a Ocidental, onde vivia sua família.

Morreu em 1957, numa clínica para idosos sem poder fazer o que mais desejava: rever sua esposa.



*ALMIR DOS SANTOS é formado em Física pela UFRJ. Como professor trabalhou no Colégio Naval (1965/1969), na Escola Naval (1972/1979) e no Instituto Militar de Engenharia (1979/1985). Nessas Instituições conheceu ex-combatentes, surgindo assim o interesse pela 2ª Guerra Mundial. Hoje possui em sua biblioteca obras importantes de pesquisadores ingleses, alemães e russos, tais como: Panzer Leader e La 2ª Guerra Mundial. Realiza palestras sobre o assunto em escolas e faculdades.*